

Lucas: o evangelho da misericórdia

Luke: the gospel of mercy

Ildo Perondi¹

Resumo

O presente artigo é uma reflexão transversal do Evangelho buscando ver como Lucas quis apresentar Jesus e sua mensagem marcados pelo aspecto da misericórdia e compaixão. Jesus é o Messias misericordioso. O rosto do Pai que Ele revela é de um Deus rico em misericórdia. Os fatos narrados no evangelho estão marcados pela misericórdia e pela compaixão. Por isso, espera-se também do leitor e dos seguidores de Jesus a prática da misericórdia: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6,36).

Palavras-chave

Misericórdia. Compaixão. Lucas. Jesus. Pai.

Abstract

The present article is a transversal reflection Gospel trying to see how Luke wanted to present Jesus and his message marked by the aspect of mercy and compassion. Jesus is the merciful Messiah. God’s face he Father reveals is the one from a God abundant in mercy. The facts narrated in the Gospel are marked by mercy and compassion. Because of that, it is also expected from the reader and Jesus followers the practice of mercy: “Be merciful as your Father is merciful.” (Lk 6,36).

Keywords

Mercy. Compassion. Luke. Jesus. Father.

INTRODUÇÃO

O lema do ano jubilar da misericórdia, proclamado pelo papa Francisco, é *Misericordiosos como o Pai* (Lc 6,36) e foi tirado do evangelho de Lucas (MV 14). De fato, para muitos estudiosos, o terceiro evangelho é o evangelho da misericórdia, pois Lucas é o evangelista que mais vezes emprega o termo. Além disso, em Lucas temos uma cristologia bem caracterizada que apresenta um Jesus misericordioso e compassivo diante das pessoas mais necessitadas e excluídas.

1 LUCAS: O EVANGELHO DA MISERICÓRDIA

Lucas transmite a imagem de Jesus como o ‘bom médico’ de corpos de almas, capaz de expressar seus sentimentos, de ter compaixão e sensibilidade diante dos pobres, dos excluídos e das pessoas que sofrem, seja de doenças físicas ou por causa de problemas psíquicos e espirituais. Jesus mostra-se como o portador da salvação para todos, é o Senhor da vida que vence a morte. O Jesus de Lucas é o pedagogo da inclusão “é irmão do órfão, ele é o advogado da viúva desamparada, a esperança do desvalido, o crítico severo da liderança; ele é, enfim, o

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Urbaniana. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Professor da PUCPR. Contato: ildo.perondi@pucpr.br.

embaixador da misericórdia e da justiça.” (MAZZAROLO, 2004, p. 14). Com razão, Dante Alighieri definiu Lucas como “*scriba mansuetudinis Christi*” (escritor da docilidade de Cristo), justamente pela ênfase voltada à misericórdia de Jesus para com pecadores e renegados (KODELL, 2001, p. 73).

Jesus é misericordioso porque o Pai é misericordioso. Nos cânticos iniciais (*Magnificat* e *Benedictus*) a misericórdia de Deus é cantada ao recordar o que Deus já realizou pelo seu povo. Maria profetisa: “a sua misericórdia perdura de geração em geração” (1,50); “Ele socorreu Israel, seu servo, lembrando de sua misericórdia.” (1,54). Também Zacarias recorda a libertação do povo realizada por Deus “para fazer misericórdia com nossos pais” (1,72) e vê a vinda do Messias como uma ação misericordiosa: “Graças ao coração misericordioso do nosso Deus, pelo qual nos visita o astro das alturas.” (1,78).

Quando Jesus anuncia seu projeto, na sinagoga de Nazaré (4,16-21), ao fazer a leitura do profeta Isaías (61,1-2), há uma preferência pelos pobres a quem será anunciada a boa nova, a recuperação da vista aos cegos e a proclamação da liberdade aos presos e oprimidos, para então concluir com o anúncio do ano da graça de Deus. Jesus atualiza o texto: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos esta passagem da Escritura.” (4,21). Este será o seu agir misericordioso tanto no anúncio como na sua prática a serviço do Reino.

Este modo de agir é expresso através de dois termos que indicam este sentimento: misericórdia e compaixão. São duas palavras quase sinônimas. Misericórdia tenta traduzir termos hebraicos: *rahamim* é o sentimento das vísceras maternas diante dos outros; *hesed*, é a piedade, o amor que une duas pessoas; *hen*, é a graça de Deus.² O grego usa *èleos* para este amor que exprime o sentimento interior ou o verbo *oiktírmo* e seus derivados que indica a expressão externa da misericórdia. A Septuaginta (LXX) traduz o termo *hesed* cerca de 400 vezes por *èleos* e cerca de 80 vezes por *oiktírmôn* (FAUSTI, 2011, p. 184). As nossas traduções optam por *misericórdia*, do latim: *miseratio* (compaixão) + *cordis* (coração).

A compaixão vem do verbo grego *splangxizomai* e se refere aos órgãos vitais *splangna* (coração, rins, pulmões e fígado). Portanto, agir com compaixão é sentir com as entranhas. No Novo Testamento é pouco usado. Em Marcos e Mateus é exclusivo para Jesus, é um sentimento messiânico. Lucas usa apenas três vezes este verbo, como analisaremos mais adiante.

2 SEDE MISERICORDIOSOS COMO O VOSSO PAI (LC 6,36)

O contexto deste dito de Jesus está inserido no sermão da planície (Lc 6,17). Jesus proclama as quatro bem-aventuranças (6,20-23) e as quatro mal-aventuranças correspondentes (6,24-26). Em seguida temos um discurso sobre o amor aos inimigos (6,27-35) que devem ser tratados com bondade, pois o Deus Altíssimo é bom e é assim que Ele trata a todos (6,35).

Então Jesus ensina: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.” (6,36). O discurso não é mais sobre como devemos agir com os inimigos, mas como devemos viver

² Estes conceitos foram brevemente resumidos. Seu significado é muito grande e amplo.

entre irmãos. São quatro regras simples e objetivas: não julgar, não condenar, perdoar e dar (6,37-38a). Esta é a medida, o modo de agir da comunidade: “com a medida com que medirdes sereis medidos também” (6,38b). Por isso, Jesus diz “vosso Pai”, para reforçar a ligação que devemos ter entre nós irmãos e nosso Deus.

Estas orientações são fundamentais para que a comunidade cresça e sobreviva. A comunidade de irmãos não é formada por anjos celestiais imunes ao mal e ao pecado. Os conflitos e diferenças são próprios dos seres humanos. Mas é preciso aprender a conviver com eles, superar diferenças, praticar a tolerância, respeitar as fragilidades e mesmo pecados dos irmãos. Só o perdão e a bondade restauram as feridas na comunidade de irmãos. E então Jesus nos convida à prática da misericórdia, porque é assim que é o agir do nosso Deus.

Um dos desejos mais profundos do ser humano é “tornar-se como Deus” (Gn 3,5). Em si este desejo não é mau, pois fomos criados à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-27). É o próprio Deus que nos pede isso: “Sede santos porque eu, o Senhor vosso Deus, sou Santo.” (Lv 19,2). “O mal não consiste em querer ser como Ele, mas em não ter entendido como Ele é.” (FAUSTI, 2011, p. 182). Santidade e misericórdia são atitudes muito próximas.

Em 6,36 Lucas expressa o desejo de Jesus com o termo *oiktírmôn*, é a expressão externa da misericórdia, que é a compaixão. É assim que o Pai é e é assim que nós devemos ser. Ao afirmar que Deus é misericordioso revela o seu lado materno. Deus é Pai e Mãe! “Enquanto pai, ama livremente e entra em relação conosco mediante a palavra: nos dá o nome e nos faz crescer adultos e responsáveis. Enquanto mãe, nos ama visceralmente, e entra conosco em relação de necessidade biológica, dando-nos vida, casa e alimento. Se a mãe faz nascer, o pai deixa viver e gera liberdade.” (FAUSTI, 2011, p. 184). Nós precisamos tanto do amor vital da mãe como do amor livre do pai.

3 O EMPREGO DO VERBO *SPLANGXIZOMAI* (SER MOVIDO DE COMPAIXÃO) EM LUCAS

O verbo *splangxizomai*³ (ser movido de compaixão) está presente também em Mateus e Marcos (Mt 9,36; 14,14; 15,32; 18,27; 20,34; Mc 1,41; 6,34; 8,2; 9,22). Nestas passagens, o sujeito do mesmo é sempre Jesus, com exceção da parábola de Mateus 18,27 onde o sujeito é o patrão, que representa o agir de Deus. Nas vezes em que Lucas narra os mesmos episódios sinóticos, ele omite este sentimento de Jesus (Lc 5,12-16; 9,10-17; 9,37-43; 10,2). Lucas conhece o verbo *splangxizomai* e reserva o seu emprego para três passagens que só estão em seu Evangelho: a reanimação do filho da viúva de Naim (7,11-17); a parábola do bom samaritano (10,29-37); a parábola do ‘filho pródigo’ (15,11-32). Nas três vezes há um critério para o emprego do verbo.

1) Há uma situação de morte: o filho único da mãe viúva estava sendo levado para fora da cidade para ser enterrado (7,12); o homem assaltado e machucado: “após havê-lo despojado e

³ Para esta análise recorreremos basicamente ao texto clássico de Köster (1988, p. 904-934).

espancado, foram-se deixando-o semimorto” (10,30); o filho longe da casa do pai e passando fome: “e eu aqui morrendo de fome” (15,17), o pai diz: “este meu filho estava morto” (15,24) e “esse teu irmão estava morto” (15,32). 2) Temos o verbo ‘ver’: Jesus ao chegar à porta da cidade “viu” a mãe viúva e enlutada (7,13); o samaritano “viu” o homem caído e semimorto (10,33); o pai “viu” o filho quando ainda estava longe (15,20). 3) Diante da visão surge o verbo *splangxizomai*: Jesus “foi movido de compaixão” ao ver a mãe (7,13); o samaritano “foi movido de compaixão” ao ver o homem caído (10,33); o pai “foi movido de compaixão” ao ver o filho voltando (15,20). 4) Há uma série de ações de modificam o quadro de morte para a restauração da vida: Jesus pediu para que a mãe não chorasse mais. Em seguida, aproximou-se do morto; tocou a padiola e fez parar os carregadores e então com a sua palavra devolveu a vida e a fala ao jovem que se sentou e começou a falar, e então Jesus o entregou à sua mãe (7,14-15). Lucas descreve com sete verbos a ação do samaritano em favor do homem caído: “aproximou-se”, “cuidou de suas chagas”, “derramando óleo e vinho”, depois “colocou-o em seu próprio animal”, “conduziu-o à hospedaria”, “dispensou-lhe cuidados”, e ainda no dia seguinte “tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’” (10,34-35). São várias as ações do pai: ele correu e pulou no pescoço do filho, cobrindo-o de beijos, depois interrompeu o discurso do filho e ordenou aos servos que depressa trouxessem a melhor túnica e o revestissem; que pusessem um anel no dedo e sandálias nos pés, que trouxessem o novilho cevado e o matassem para comer e festejar (15,22-23).

Nas três passagens em que Lucas usa o verbo *splangxizomai* ele o faz com precisão e seguindo um modelo literário próprio. A primeira vez é Jesus que foi movido de compaixão; na segunda é o samaritano e na terceira é o pai do filho pródigo (o pai neste caso é um ‘passivo divino’ e representa o Pai). Estes três textos poderiam nos dizer: como o Pai foi compassivo (15,20), Jesus também teve compaixão (7,13) e nós humanos (o samaritano) também devemos ter compaixão (10,33).

Outro ensinamento importante destas três passagens é que elas ocorrem sempre com pessoas que estão em situação onde a morte já está presente ou a vida corre sérios perigos. O confronto com uma pessoa morrendo depende do tipo de olhar que lhe direcionamos. Jesus olha para a mulher enlutada; o samaritano olha para o homem caído; o pai olha para o filho que volta do chiqueiro dos porcos...

Nos três casos, o ‘ver’ faz as entranhas se comoverem. É preciso deixar-se compadecer. Mas não basta a compaixão! É preciso agir. Somente ações caritativas mudam, restauram a situação. É isso que fez Jesus; foi o que fez o samaritano; foi o que fez o pai. A série de ações beneficiou aqueles que estavam em estado de morte. O filho começou a falar e foi entregue à sua mãe. O homem machucado e abandonado foi curado e colocado em lugar seguro. O jovem perdido recuperou sua dignidade de filho e foi reintroduzido na casa paterna.

Não nos esqueçamos que nas três passagens narradas por Lucas estão presentes os legalistas. Lá estão os “bastázontes” os carregadores que tiveram que parar ao toque de Jesus

sobre a padiola (Lc 7,14). Diante do homem caído passaram o sacerdote e o levita e mesmo vendo-o foram adiante (Lc 10,31-32). E o filho mais velho representa bem os fariseus e escribas que “jamais transgrediram os mandamentos” (Lc 15,29). Com o rigor da lei o filho da viúva estaria enterrado até hoje; o homem caído teria ficado sem socorro e provavelmente teria morrido e o filho mais novo jamais entraria na casa paterna. Leis duras continuam matando em nome de Deus. Compaixão e misericórdia são as atitudes que salvam e restauram a vida!

4 AS TRÊS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA E DA ALEGRIA (LC 15)

Somente no evangelho de Lucas encontramos as três parábolas da misericórdia (Lc 15).⁴ O capítulo 15 é o centro e o coração do evangelho de Lucas e, poderíamos dizer, de todo o evangelho. Nele Lucas reuniu três parábolas. Elas ilustram o mesmo tema: participar da alegria de Deus, que agora, por meio de Jesus, acolhe e salva os pecadores. O evangelho de Lucas é o evangelho da alegria, presente desde o início (Lc 1,14.28.44.58; 2,10). As três parábolas do capítulo 15 são chamadas também de parábolas da alegria, já que o tema da alegria perpassa as mesmas (Lc 15,5.6.9.10.32). A alegria é própria dos seguidores de Jesus. Os primeiros cristãos praticavam a mensagem de Jesus “partilhando o pão com alegria” (At 2,46).

Para entender o contexto em que foram contadas as três parábolas, precisamos ir aos primeiros versículos do capítulo 15. Jesus está entre dois grupos: a) os publicanos e pecadores; b) os fariseus e escribas (Lc 15,1-3).

Os publicanos são um grupo social e representam os seres humanos separados de Deus, apegados aos bens materiais; os pecadores, por sua vez representam os homens e mulheres que não cumprem os mandamentos de Deus (BOVON, 2004, p. 33). É preciso que ambos (publicanos e pecadores) mudem de vida, pois uns oprimem seus semelhantes e os outros estão vivendo separados de Deus. Curiosamente eles têm uma atitude de discípulos, pois se aproximaram de Jesus “para ouvi-lo” (Lc 15,1). Jesus não teve dificuldade de ir ao seu encontro ou acolhê-los onde eles estavam (5,29-32; 7,37-50; 10,7-9) e agora são eles que vêm até Jesus.

O segundo grupo é formado pelos fariseus e escribas que são “os defensores da tradição religiosa, que a interpretam e confiscam seu sentido em proveito próprio.” (BOVON, 2004, p. 34). Dentro do evangelho já são adversários conhecidos de Jesus (Lc 5,17.21.30.6,7; 11,53). Sua forma de expressar-se é “murmurando” (Lc 15,2). Estes deveriam também ouvir e acolher a mensagem de Jesus, porém são espelhados no filho mais velho que não quis entrar e participar da festa.

Jesus conta as três parábolas e nelas aparece a ação misericordiosa da procura, do acolhimento e da alegria pelo reencontro do que estava perdido. Na última parábola aparece também o filho mais velho (que representa os fariseus e escribas). A este também o pai

⁴ Interessante notar que nestas três parábolas não aparece o termo ‘misericórdia’, mas elas expressam atitudes fortemente marcadas pela misericórdia em relação ao que está perdido. São três parábolas lucanas, mesmo que a parábola da ovelha perdida está também em Mateus 18,12-14, porém o contexto e sua formulação são bem diferentes.

manifesta o mesmo amor, porém ele não quer participar da festa lá onde está o “pecador”. Ele não foi excluído e também é objeto da procura (MV 17).

4.1 A parábola da ovelha perdida e reencontrada (Lc 15,4-7)

A primeira parábola é da ovelha perdida. Mostra a preocupação, o cuidado, a busca e finalmente a alegria pela recuperação do que se perdeu. Este pastor cheio de amor pela ovelha perdida é Deus Pai, é Jesus o bom/belo pastor (Jo 10,11ss).

A parábola indica que um pastor tinha cem ovelhas e uma delas se perdeu. A ausência de uma ovelha é uma perda, uma dor para o pastor. Não basta a presença das 99 ovelhas, o que falta é aquela uma que se perdeu. Ele deixa as 99 ovelhas no deserto, mesmo que elas também correm risco. Deixá-las no deserto é também fazer que se sintam solidárias e corresponsáveis por aquela uma que se perdeu.

O pastor também arrisca tudo para recuperar aquela uma que falta. Ele não fica esperando que ela retorne por si mesma. Se ela se perdeu, precisa do cuidado, pode estar correndo risco de morte. Ovelha sozinha, sem rebanho, é presa de todo tipo de perigos. Por isso, o pastor só terá descanso e paz quando a encontrar.

A procura do pastor não cessa até encontrar a ovelha perdida e então ele a coloca nos ombros com alegria e retorna onde estão as demais. Esperava-se a repreensão, o castigo por ter-se afastado das demais. Não é isso que ocorre, mas o acolhimento. O pastor com a ovelha nos ombros e cheio de alegria mostra que sua busca não foi em vão. Ele não faz a ovelha retornar ao lugar onde estão as demais, mas ele próprio a conduz. Ele sabe onde é o redil, o lugar seguro.

A alegria precisa se expandir. Em casa ele reúne os amigos e vizinhos. Em casa, o outro lugar seguro, é o lugar para celebrar. Sua alegria não pode ficar só para si e para o rebanho completo. A alegria precisa ser compartilhada com os amigos e vizinhos, a quem diz: “Alegrai-vos comigo!” (15,6). A alegria é um sentimento que precisa ser partilhado. Ninguém consegue ser feliz sozinho.

A alegria do pastor é também a alegria de nosso Deus. O Antigo Testamento traz tantas imagens de Deus como bom pastor (Is 40,11; Jr 23,1-4; Ez 34; Sl 23). A alegria de Deus é a reunião de todos os filhos e não somente dos ‘justos’. É quando estão todos juntos que a alegria é completa, como a alegria da mãe ao ver a família reunida. A alegria no céu é completa quando todos estiverem presentes, sobretudo aqueles que haviam se extraviado. Haverá sim alegria por aqueles que se mantiveram fieis, mas muito mais pelo retorno daqueles que retornaram. A mesa da partilha não pode ter alegria se está lá a cadeira vazia de um irmão nosso.

A parábola da ovelha perdida e encontrada mostra como é o agir de Deus, de Jesus, o bom pastor. A graça que Deus usou para conosco, seus inimigos quando pecamos e nos perdemos nas estradas da vida. Ele vem ao nosso encontro e quando nos deixamos encontrar, nos abraça e nos carrega nos ombros. Foi o que Jesus fez. E isso exige também de nós que devemos manifestar a nossa atitude em relação aos nossos inimigos (Lc 6,27-36) e aos nossos

irmãos e irmãs pecadores (Lc 6,36-38). Assim também nós não podemos esperar que os pecadores se arrependam e retornem à Igreja. É preciso ir em busca deles, ir encontrá-los onde se perderam. O Pai não exclui de seu coração nenhum filho. Só se exclui do Pai quem exclui um irmão ou irmã. Mas Jesus, o Filho que conhece o Pai, faz de tudo para recuperar também aquele ou aquela que, excluindo o irmão, se exclui do Pai.

4.2 A parábola da mulher que se encontra perdida (Lc 15,8-10)

Depois de narrar uma parábola com ambiente pastoril, Lucas (que gosta de alternar o masculino e o feminino em seu evangelho⁵) narra uma parábola ambientada na vida doméstica da casa e a protagonista é uma mulher. Há uma nítida progressão em relação à parábola anterior. Antes havia cem ovelhas e uma se perdeu; agora temos dez moedas e uma foi perdida.

Novamente estamos diante do tema da perda e da procura. A mulher “acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la.” (15,8). São traços do jeito feminino de agir. Se antes o pastor reuniu os amigos e vizinhos (15,6), agora é a mulher que reúne as amigas e vizinhas (15,9) para partilhar a sua alegria.

Esta alegria da mulher é comparada à alegria celeste. No céu haverá ainda mais alegria por causa de um pecador que se converte. O pecador convertido alegra nosso Deus, assim como o retorno da esposa infiel ao seu esposo: “Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que teu Deus sentirá em ti.” (Is 62,5).

4.3 A parábola do filho reencontrado (Lc 15,11-32)

Mais conhecida como “parábola do filho pródigo”⁶ (Lc 15,11-32) é, provavelmente, a mais famosa das parábolas de Jesus. Além de ser um clássico de intuição espiritual, é uma joia literária. Estamos diante de um ‘passivo divino’, ou seja: o pai da parábola representa o Pai. Com esta parábola Jesus quer demonstrar a misericórdia do Pai diante dos pecadores. Mostra o modo de agir de Deus.

O cenário desta parábola é a casa paterna. Nela Jesus apresenta o pai de família e seus dois filhos. Um mais jovem e outro mais velho (Lc 15,11-12). Essa imagem alude ao conhecimento dos ouvintes sobre as histórias de dois irmãos, como Esaú e Jacó (Gn 25,27-34), também José e seus irmãos (Gn 37,1-4), nas quais o irmão mais novo triunfa sobre o mais velho. Mas nesta parábola Jesus inverte duplamente as expectativas: o ‘filho pródigo’ é uma

⁵ Para ver melhor como Lucas utiliza a relação homens e mulheres (ou masculino e feminino) é interessante consultar a relação muito bem elaborada e detalhada em Meynet (1994, p. 953-955).

⁶ Este título provém da Vulgata, em nota marginal: *De filio prodigo* (FITZMYER, 1987, p. 670). A Tradução Ecumênica da Bíblia prefere “A parábola do filho reencontrado”. O personagem central é o pai “e por sua atitude generosa, e mesmo também pelo convite final (vv. 24.32) a participar de sua alegria (é o que leva a evitar o título usual da parábola: ‘o filho pródigo’)” (BÍBLIA, 1994, p. 2011) – nota ‘c’ a Lucas 15,11. Bovon prefere o título de “os dois filhos” (2004, p. 74). Talvez o título melhor seja “A parábola do amor do Pai” (JEREMIAS, 1974, p. 130; ERNST, 1997, p. 641).

paródia do bem sucedido irmão mais novo e o mais velho não é derrotado, mas convidado para a festa.

Em terra longínqua o filho mais novo perde tudo e fica na miséria. A única coisa que lhe resta é trabalhar num chiqueiro para cuidar dos porcos (Lc 15,15). Para os judeus cuidar dos porcos evoca a ideia de apostasia e a perda da sua identidade. O porco era o animal mais usado nos sacrifícios gregos e romanos. Do ponto de vista judaico, comer carne de porco era sinônimo de paganismo e apostasia do judaísmo (2Mc 6,18-10; Is 65,1-5). Era o cúmulo da degradação para um judeu, pois o porco era um animal impuro (Lv 11,7). Portanto, o jovem torna-se impuro, perde a sua dignidade. A sua situação é tão deplorável que ele está abaixo dos porcos, porque os porcos comem e ele não pode nem matar a sua fome com as bolotas que alimentam os porcos (Lc 15,16). Ou seja, uma humilhação, pois os porcos gozam de melhor sorte que ele. É nesta situação que ele resolve voltar para casa, não mais para ser filho, mas para ser um servo.

O pai, movido de compaixão viu o filho quando “ele ainda estava longe” (Lc 15,20), correu ao seu encontro, abraçou-o, cobriu-o de beijos! O pai não leva o assunto por via legal, como prescrevia a lei judaica, condenando ao apedrejamento o filho rebelde (Dt 21,18-21), mas se deixa levar pelo afeto paternal. Para o pai, a única coisa que importa é que o filho está vivo, foi reencontrado com ‘saúde’ (Lc 15,27). Não há nenhum espírito de recriminação, nenhum plano de fazer com que o jovem mostre-se merecedor. O filho é mais importante do que qualquer coisa que tenha feito. O ambiente da casa muda: retorna a alegria e começa a festa.

É assim que Deus age diante dos filhos pecadores que regressam. A parábola nos ensina que podemos voltar sempre para a casa do Pai. E também agir como Deus para sermos “misericordiosos como o Pai do céu é misericordioso.” (Lc 6,36).

5 MISERICÓRDIA E PERDÃO

No Evangelho de Lucas, Jesus é o protagonista dos grandes perdões:⁷ do perdão à mulher pecadora (7,36-50), a Zaqueu (19,1-10), ao malfeitor arrependido (23,39-43) e também o perdão ao ‘filho pródigo’ da parábola (15,11-32). Além destes textos deveríamos incluir a passagem de Jesus e a mulher adúltera que está no evangelho de João (7,53–8,11), pois em vários manuscritos antigos este relato não está no quarto evangelho e muitos sugerem que deveria ser um texto de Lucas e se encaixaria perfeitamente em Lc 21,38.⁸

No terceiro evangelho, o chamado dos primeiros discípulos se dá também num momento de pesca, mas diferente de Marcos e Mateus. A condição de Pedro é de “pecador” (Lc 5,8) e não de pescador. Jesus vem em busca dos pecadores e excluídos pela religião. É a partir do encontro e da experiência misericordiosa com Jesus que surgem as mudanças de vida. O arrependimento, a conversão, o retorno, o encontro... A mudança radical de vida de quem estava

⁷ (STUHLMUELLER, 1975, p. 10; GEORGE, 1982, p. 74-85).

⁸ Ver nota de rodapé ‘h’ a João 7,53–8,11 da *Bíblia de Jerusalém* (2004, p. 1862).

perdido é expressa com a palavra *metanoia*,⁹ que significa também uma mudança de mentalidade. Espera-se então um novo começo de vida, uma oportunidade nova que Jesus oferece gratuitamente.

Somente segundo Lucas, Jesus leva Pedro ao arrependimento e ao pranto cruzando o próprio olhar com o olhar de Jesus no palácio do sumo sacerdote: “E o Senhor, voltando-se, fixou o olhar em Pedro. Pedro então lembrou-se da palavra que o Senhor lhe dissera: ‘Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes’.” (22,61). Mais ainda, somente em Lucas, Jesus é o parabolista das três parábolas da misericórdia: da ovelha perdida e reencontrada (15,4-7), da moeda perdida e encontrada (15,8-10), e do filho perdido e recuperado (15,11-32).

Perdoar e acolher os pecadores não é um sinal de fraqueza, como pode parecer aparentemente. Antes, é sinal de fortaleza e demonstra a coragem de retribuir com bondade e misericórdia diante de uma ação ou de uma pessoa em conduta errada. O perdão e a misericórdia transformam-se em atitudes capazes de salvar e regenerar. Diferente da lei que somente pode punir com rigor.

O pecado e o pecador – parece ironia afirmar isso – tornam-se uma boa ocasião para quem pratica a misericórdia e o perdão. Apresentam-se como situações que proporcionam a oportunidade para fazer o bem. “É importante notar que a misericórdia se exercita no mal real e é o único amor possível numa situação de mal como é a nossa.” (FAUSTI, 2011, p. 183). Assim o mundo do mal, antes de ser um problema, se transforma em oportunidade de exercer a misericórdia e na forma mais alta de amor. O perdão apresenta-se como o instrumento e o remédio capaz de restaurar o mal praticado e com poder para reintegrar quem está excluído e marginalizado.

Não basta ter o sentimento da misericórdia e da compaixão, tão necessários. Os exemplos narrados no evangelho de Lucas nos mostram que as pessoas misericordiosas são também pessoas de ações eficazes. Por isso, se a misericórdia aproxima e acolhe os pecadores e excluídos, o perdão é a ação que restaura e reintegra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evangelho de Lucas nos convida ao encontro com Jesus, que por sua vez quer revelar o rosto misericordioso do Pai e espera de nós uma atitude misericordiosa: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6,36). É isso que nos pede o papa Francisco: “Dia após dia, tocados pela sua compaixão, podemos também nós, tornar-nos compassivos para com todos.” (MV 14).

Não é tanto pelo número de ocorrências dos termos ‘misericórdia’ e ‘compaixão’ que podemos definir o terceiro evangelho como o evangelho da misericórdia e da compaixão. O

⁹ O termo *metanoia* aparece cinco vezes no evangelho de Lucas (3,3.8; 5,32; 15,7; 24,47) e mais seis vezes nos Atos. O verbo *metanéō*, em suas diversas formas, aparece nove vezes no Evangelho (10,13; 11,32; 13,3.5; 15,7.10; 16,30; 17,3.4) além de cinco vezes nos Atos (FITZMYER, 1987, p. 400).

Título do artigo em Times New Roman 11, negrito

Evangelho todo está impregnado destes dois belos sentimentos. É este o evangelho que mais revela este rosto do Pai; é em Lucas também que Jesus em seu agir demonstra compaixão e misericórdia naquilo que faz e como o faz. São também estes personagens, marginalizados, excluídos pelo sistema, que são trazidos ‘para o meio’, que são integrados graças a atitudes compassivas misericordiosas.

A leitura atenta de todo o evangelho de Lucas nos fará descobrir como é o agir de Deus e de Jesus e nos interpela para também para sermos misericordiosos, sobretudo com as pessoas excluídas, marginalizadas e perdidas. ✨

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Tradução Ecumênica da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1994.

BOVON, François. **El evangelio según San Lucas**. Salamanca: Sígueme, 2004. (v. 3).

ERNST, Josef. **Il vangelo secondo Luca**. Brescia: Morcelliana, 1997. (v. 2).

FAUSTI, Silvano. **Una comunità legge il vangelo di Luca**. Bolonha: EDB, 2011.

FITZMYER, Joseph A. **El evangelio según Lucas**. Madri: Cristiandad, 1987. (v. 1).

FRANCISCO. **Misericordiae vultus: o rosto da misericórdia**. São Paulo: Paulinas, 2015.

GEORGE, A. **Leitura do evangelho segundo Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1982.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Las parábolas de Jesús**. 3. ed. Estella: Verbo Divino, 1974.

KODELL, Jerome. Lucas. In: BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. **Comentário bíblico**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

KÖSTER, Helmut. splagnon. In: KITTEL, Gerhard (Ed.). **Grande lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1988. p. 903-934.

MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas: a antropologia da salvação**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

MEYNET, Roland. **Il vangelo secondo Luca: analisi retorica**. Roma: EDB, 1994.

STUHLMUELLER, Carroll. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.